



MÍDIA E MEMÓRIAS COLETIVAS

Ana Maria Strohschoen¹

Este artigo é resultado de um projeto de doutorado² a partir da telenovela Terra Nostra e seus usuários. Isto deve-se à peculiaridade de Terra Nostra, que exerceu um certo tipo de estímulo ao imaginário, principalmente sobre os italianos: ou por que somos ou por que não somos. Torna-se interessante verificar na pesquisa como uma telenovela também está presente na atividade do fazer “lembrar”, com repercussões na memória e na identidade de seus usuários.

Palavras-chave: Mídia, Memória coletiva e Identidade étnica

“O passado nunca reconhece seu lugar: está sempre presente”. (Mário Quintana)

Qual é a sensação que você teria ao rever algo que fez parte de sua vida num tempo distante... De repente, você se depara com isso que pensava não saber, mas que era verdade... olhando de novo a mesma coisa que você escutou anos atrás como uma estória da vovó, reaparece agora como uma história de italianos numa telenovela. Entre

¹ Professora Doutora da UNISC. anam@unisc.com.br

² Tese apresentada no PPG em Ciências da Comunicação da UNISINOS em fevereiro/2003 sob orientação do professor doutor José Luiz Braga.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Folkcomunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

tantas coisas na vida, só algumas é que chamam a nossa atenção e até nos sensibilizam. Em meio a tantas “já senti”, “já vivi”, “tudo igual”, uma telenovela sensibiliza-me, oferecendo-me um momento muito especial. Percebo que e com a minha sensibilização posso pensar sobre essa temática em termos de uma pesquisa de doutorado em Comunicação Social. Há uma “reação” diferente observando que momentos da telenovela acionam aspectos da memória e simultaneamente com a identidade italiana. Até então eu não pensava nesta relação. Assistir a uma telenovela não me levava a pensar sobre aspectos da memória e nem tampouco sobre identidade étnica. Esta novela é Terra Nostra, exibida no horário das 20 horas pela Rede Globo de setembro de 1999 a maio de 2000. Seu enredo foi baseado em referências à imigração do italiano do século passado. Memória que por ser colocada de uma determinada maneira estimulou relações com algumas pessoas muito queridas como nossos avós, que já não se encontram em nosso convívio, mas que ainda sensibilizam nossas vidas. Vamos nos deter nessa reflexão. Com esse trabalho buscamos respostas, tendo como pano de fundo a cena de uma história familiar contada através da telenovela. Em algum momento, dispomos de nossa subjetividade.

Assim, no que se refere à metodologia de campo, utilizamos mais especificamente os referenciais de um sistema específico que elaboramos para trabalhar com os dados, que foi o nosso sistema de observação. Nossa contribuição teórica neste estudo visa a reutilização de algumas idéias de Halbwachs e trabalhar sua possível articulação com nosso sistema de observação.

Utilizamos Halbwachs como parâmetro em nosso sistema de análise. A relação entre a memória da realidade e a ficção coloca-nos questões de outra natureza que estão sendo articuladas numa situação de comunicação. Com certeza, teremos um desafio: existe uma fala que se articula com dois referenciais: da telenovela e das referências da realidade. E mais ainda: memória advinda da oralidade e de fontes escritas. Sabe-se pouco sobre como as referências de memória são reelaboradas: se há oposição, complementação, acordos. Enfim, o que acontece quando as pessoas estão na frente de um aparelho de televisão estimuladas por uma telenovela que faz referências às suas memórias pessoais?

Problema, objetivo e justificativa

Por ser descendente de imigrantes italianos e por ter acompanhado a novela, percebo que determinados capítulos e cenas tiveram um significado diferente do que os demais capítulos e da trama como um todo. São cenas específicas, onde aparecem as referências à história da imigração, às reminiscências, à identidade, à memória italiana, principalmente aquilo que se relaciona às histórias de família transmitidas oralmente. Por exemplo, o primeiro capítulo da novela em que aparece a saída da Itália dos imigrantes para o Brasil através da viagem no navio. Assistindo a esta cena na novela lembrei de uma estória (agora história?) que minha avó contava quando eu era criança: “... era um navio que trazia os italianos, entre eles meus avós e o meu pai ainda pequeno ... muitos foram atirados no mar ... o navio era sujo ... e passaram muita fome ...” (E. S. na época devia ter 70 anos e eu 9 anos). Quando vejo coisas que se relacionam com a memória de minha avó italiana, seja gráfica seja visualmente, estas coisas tocam-me de forma muito profunda por serem muito importantes. Fico pensando se para os demais descendentes imigrantes isso também aconteceu assim. Penso que acionar uma memória não é algo muito comum, principalmente em se referenciando uma telenovela para desencadear esta evocação. Não foram quaisquer cenas da novela que se concentravam na memória italiana. Há uma especificidade em algumas delas relacionadas com a evocação da memória. Quais são? São as mesmas para todos? Somos italianos por que lembramos de alguma coisa muito forte e em comum, a memória é o que nos faz italianos?

O que a novela “utilizou” como memória e que diz respeito à memória identitária? Como o usuário, a partir daí, identifica-se italiano? É possível uma telenovela abrir para uma identidade étnica pelo acionamento da memória? A imigração italiana, para os italianos que viram a novela, teria uma leitura diferenciada, que passa pelo acionamento da memória no sentido da recuperação da sua identidade italiana. O que buscamos junto aos usuários refere-se especificamente ao acionamento da memória dado pela telenovela. Meu objetivo é observar como as pessoas relacionam seus processos pessoais e sociais de grupo de vivências com processos sociais midiáticos (ficção). Este conjunto de perguntas e objetivos elaborados pode ser considerado o problema básico em torno do qual se desenvolverá a pesquisa. Consiste em localizar na novela e

nos usuários o que foi dado como estímulo e o que teve repercussão na memória, o que efetivamente acionou e que tipo de evocações de memória vêm à tona a partir desta situação. Não estou interessada em trabalhar com uma amostra representativa de italianos do Brasil ou do Rio Grande do Sul. Minha opção não tem como meta fazer um estudo generalizável para uma população específica. É possível observar que há um acionamento de memória a partir de um estudo de um grupo de descendentes italianos.

Estamos interessados em reações com características diferenciadas, com certa profundidade para o indivíduo e não com reações padronizadas conforme o local. Para este objetivo, o estudo intensivo de um grupo – fortemente contextualizado em sua própria história de vida – é mais relevante para nossos objetivos do que a observação padronizada de uma “amostra” abstraída de suas inserções. Pelo menos num grupo o que buscamos acontece para ratificar a busca. Selecionei como grupo de observação descendentes de imigrantes, integrantes de um coral em Sobradinho, Rio Grande do Sul.

Memórias Contemporâneas: as concepções de Bergson e Halbwachs dadas por Bosi

A possibilidade de enquadrar a novela *Terra Nostra* como construção de memória solicita retomar algumas abordagens teóricas que se fazem hoje sobre memória e relacioná-las com a especificidade da mídia como lugar de memória. A memória neste contexto midiático passa a fazer parte de processos de construção de identidade. É preciso avançar para análises que tragam estas reflexões de uma memória contemporânea e das identidades como uma questão comunicacional. Assim, em torno da questão mais geral de memória vão se incorporando algumas especificidades necessárias: mídia e memória, mídia e identidade. Neste espaço situa-se nosso estudo sobre a recepção da telenovela no que se refere à memória e as identidades culturais.

A novela geralmente vinculada ao reconhecimento das questões do cotidiano começa a interagir com um outro mecanismo: a memória, as pessoas lembram quando assistem uma novela. Geralmente o estudo da memória se relaciona com relatos sobre o passado vindos de áreas muito específicas como a história, psicologia e antropologia. Alguns estudos da comunicação em telenovela e sobre recepção discutem a reposição de

matrizes culturais. Porém, não tenho encontrado estudos empíricos sobre esta discussão. Para organizar o conceito de memória a ser utilizado na pesquisa busco referências no estudo realizado por Ecléa Bosi (1995). No livro *Memória e Sociedade*, a autora traz para seu estudo duas abordagens teóricas sobre memória: uma a partir de Bergson e outra a partir de Halbwachs. Ecléa Bosi, em *Memória e Sociedade*, pergunta-se: “Qual a função da memória? Não constrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado lança uma ponte entre o mundo e o além, ao qual retoma tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma evocação” (1994:59).

A temática da relação entre história e memória já foi ricamente examinada por diversos pesquisadores. O que trago aqui é um enquadramento de conceitos já conhecidos, visando ao meu objetivo de articular a questão da mídia, da memória e de sua dimensão evocativa.

Como essas perspectivas serão utilizadas na pesquisa

Conforme especificado, as perspectivas oferecidas por Halbwachs nos permitem agora desenvolver a problemática da pesquisa. Existem memórias e memórias. A atividade do lembrar a imigração italiana sob o olhar da mídia, da telenovela, abre outras possibilidades para a reconstrução da imigração italiana. Isto vai na direção das concepções dadas por Halbwachs. Há um trabalho de memória da imigração que parte de estímulos oferecidos pela novela. Há também uma “leitura” anterior do que era a imigração por parte dos descendentes de italianos. Há um processo de reconstrução e de re-leitura específicos do lembrar assistindo uma telenovela que tem conseqüências para os processos de identidade étnica italiana. As noções de memória que foram colocadas anteriormente devem ser observadas na perspectiva da novela como construção de memória. Buscamos então reflexões que dêem conta da mídia e da telenovela como lugar de estimulação de processos de construção de memória.

Os conceitos de memória elaborados por Bergson e Halbwachs são fundamentais para nosso trabalho levando em conta que nossa problemática de pesquisa é o acionamento da memória nos usuários a partir de uma telenovela. É preciso então pensar em uma estrutura de funcionamento da memória que é decorrente desta situação.

Na situação de acionamento de memória onde há o contato com a ficção pode-se fazer uma aproximação com a idéia de releitura, reconstrução do passado e remanejamento proposto por Halbwachs. É claro que nenhum destes autores desenvolveu uma abordagem específica sobre memória quando ativada por telenovelas. De uma certa forma busquei conceitos que se aproximam deste tipo de estimulação de memória. Neste sentido, penso que o conceito de memória desenvolvido por Halbwachs se relaciona mais com o tipo de memória que buscamos: abre a possibilidade de incluir a mídia como um lugar de construção e de organização de processos individuais e *sociais* de ativação da memória. O autor refere-se à releitura como remanejamento, quando se observa certos personagens e certas palavras que tinham passado anteriormente. Esta releitura ou remanejamento seria uma segunda leitura dada pela telenovela ou outras referências como livros, filmes, conversas familiares. A primeira leitura seria o primeiro contato com as questões de identidade. A primeira leitura apresentou características diferentes de sua releitura. A releitura apresenta direção crítica e cultural que não podia entrar nos quadros mentais da primeira leitura, diz Halbwachs.

“A imaginação [...] ocupou as lacunas de sua memória, em sua narrativa tudo parece merecer fé, uma mesma luz parece iluminar todas as paredes, mas as fissuras se relevam quando as consideramos sob um outro ângulo”.
(Halbwachs. *A memória coletiva*. 1990:77)

Ao retomar o tema da imigração, a telenovela aproveita o fato histórico de diversas formas: faz seleções, ressystematiza, elimina, retrabalha dados e referências da própria realidade. A imigração italiana tanto faz parte de uma ficção como da realidade. O que acontece quando a lembrança é acionada pela telenovela?

O que sugerimos no nosso estudo situa a perspectiva da lembrança (conforme abordado por Halbwachs) “remanejada” pela telenovela. Há uma especificidade aqui no que tratamos ligada à memória e a uma telenovela. A lembrança não acontece num espaço do sonho ou do devaneio. O que mais nos interessa refere-se à estimulação do processo, dada pela telenovela. Uma primeira “leitura” recebida pelos descendentes dos italianos vem das primeiras formas de transmissão e conhecimento que tiveram sobre o passado da imigração italiana: são as transmissões orais, recebidas da família. Uma segunda leitura refere-se à possibilidade que a telenovela e/ou outras referências oferecem de rever esta primeira leitura, feita em algum momento da vida e de outra

forma. Esta segunda leitura social propiciada pela telenovela passa pela existência de alguns pré-requisitos que são as referências “de primeira leitura” e que de alguma forma a telenovela reutilizou. Ao ser “refeita” esta referência às primeiras leituras pessoais, a telenovela pode acionar a memória. Portanto, o acionamento da memória propiciada pela telenovela envolve materiais de primeira com os de segunda leitura, do ontem e do hoje, da realidade em forma de memória e da ficção que também se organiza como memória – ou seja, a narrativa ficcional se sustenta em uma situação com raízes históricas (a imigração) que também está na base das lembranças vividas. O interessante é perceber *como* a telenovela, como segunda leitura, “abre” para o acionamento da memória. Isto parece uma passagem óbvia, mas não é. Aqui está a discussão principal que pretendo fazer no que se refere ao acionamento da memória e telenovela. Isto passa pela idéia da releitura e do remanejamento sob este aspecto dado por Halbwachs. Há uma releitura que passa pelo acionamento da memória. Há uma complementaridade nesta releitura: interpretação e lembrança. O descendente de imigrante lembra porque interpreta, interpreta porque lembra. Para Halbwachs esse convívio de lembrança e crítica altera profundamente a qualidade da segunda leitura, a qual só por essa razão, na sua análise, já não “revive” mas “re-faz” a experiência da primeira leitura.

Halbwachs compara as reminiscências da primeira infância à imagens oníricas que sobem, diz ele, inexplicavelmente à superfície sem guardar relações com o presente, umas e outras parecem ter se mantido intactas no fundo da alma:

“A concepção de mundo por meio de lembranças feitas pela criança tem como base o meio onde se encontra e valores vivenciados por seus pais, no meio doméstico. A criança trabalha como objetos exteriores por meio de noções apreendidas com os pais. Seu espanto e medo vêm do castigo que experimenta ao perceber que se encontra em seu pequeno mundo. É criança, mas experimenta vivência de adulto”. (Halbwachs. *La Memoire Collective*, 1968: 21)

“... haverá em toda a base da lembrança uma recordação de um estado de consciência puramente individual - por distingui-la das percepções onde entram os elementos do pensamento social - que chamamos de intuição sensível...” (Halbwachs. *La Memoire Collective*, 1968: 21)

“... a memória coletiva não explica todas as lembranças, talvez ela não explique por si mesma a invocação de qualquer lembrança. Além disso, nada prova que todas as noções e imagens retiradas do meio social não recobrem como uma tela uma lembrança individual. A questão é saber se dada lembrança pode existir...” (Halbwachs. *La Memoire Collective*, 1968: 21)

Há um momento do fazer lembrar que parte desta situação de interação entre lembranças orais e telenovela. Escuta-se uma estória que ao mesmo tempo é a mesma e é outra... O importante aqui é atentar a idéia de remanejamento proposta por Halbwachs e explicitar sobre a presença destas narrativas, como retornam e do acionamento de lembranças em relação à telenovela. É importante perceber a relação entre uma situação “latente” (daquilo que ficou retido das formas orais) para uma situação do acionamento de lembranças que passam por referências às formas de transmissão orais e da telenovela. Estas lembranças tem características também de memória coletiva. Nossa questão consiste em verificar como as pessoas relacionam seus processos pessoais e sociais de grupo de vivências com processos sociais mediados, na forma de ficção.

“Memória inventa, esquece, faz várias vidas de uma só”. (Marina Colassanti)

Como foram desenvolvidas estas observações na pesquisa

Em função de saber como se dá o acionamento de memória em uma situação de interação com uma telenovela, foram então selecionados estes dois tipos de observação (o grupo e a novela como referência de material). A primeira questão que se coloca aqui é como fazer para que estas observações tragam as respostas que buscamos. Levando em conta que a imigração italiana é o elemento comum que tanto aparece na ficção como na realidade, buscamos verificar esta situação com dois grupos de pessoas. Um grupo de discussão e outro com entrevistas individuais. O grupo de discussão contou com o apoio do vídeo (as cenas selecionadas do terceiro conjunto), com um estímulo direto da telenovela. Inicialmente as pessoas das entrevistas individuais não contariam com o estímulo direto da telenovela, esta referência deveria ser feita espontaneamente. Interessa aqui registrar nossa preocupação em delimitar as lembranças que seriam ativadas em grupo, contando com estímulo do vídeo e lembranças acionadas de forma individual, sem a utilização de vídeo.

O modo para obter estes dados foi realizado através de perguntas semi-abertas, em torno da história de vida. Não queríamos todas as lembranças da história de vida, mas aquelas dadas pelo acionamento da telenovela. Esta técnica de entrevista (as histórias de

vida) foi conjugada com o uso do vídeo e perguntas sobre a telenovela que relacionavam as histórias de vida com a telenovela. Havia um roteiro para iniciar com as questões de história de vida e depois para a telenovela. A própria dinâmica das reuniões (do grupo e individual), no entanto, é que foi definindo o que seria utilizado (ou história de vida ou perguntas sobre a telenovela) em um momento ou no outro. O importante é assinalar esta complementaridade. As técnicas de entrevista partiram das abordagens da história oral. Dentre as abordagens da história oral, selecionei o roteiro de entrevistas dado por Thompson (1998). Alguns aspectos como memórias de infância, objetos biográficos, papel das narrativas de infância, fazem parte desta seleção do roteiro. A idéia de um processo de estimulação de referências de memória, porém, não é dado apenas pelas histórias de vida. O material teórico utilizado para compor a metodologia do grupo de discussão parte do texto básico Research Report (1990). Conforme consta na bibliografia. Para nossa pesquisa, foi importante verificar a articulação entre as referências de memória da telenovela com aquelas referências de memória trazidas pelo informante. De onde partem estas referências de memória, e principalmente como se articulam, se posicionam, se redescobrem, se elaboram mutuamente... há um trabalho efetivo de construção de referências de memórias que passam ou não pela telenovela Terra Nostra.

O Roteiro de Perguntas semi-abertas, segundo Thompson (1998), foi o mesmo em ambos os grupos (grupo de discussão e entrevistas individuais). Este roteiro foi utilizado para obter algumas informações sobre história de vida. Alguns itens foram mais explorados, como as relações gerais com pais e avós, principalmente sobre as lembranças de infância.

Pré-organização das falas coletadas

Trabalhamos para esta elaboração com os materiais resultantes das entrevistas. Para o grupo de discussão contamos com a gravação de uma fita em vídeo e a sua transcrição. Nas entrevistas individuais não contamos com o recurso da gravação em vídeo, tivemos que transcrever os depoimentos do gravador sonoro.

Podemos organizar as informações na pesquisa em dois conjuntos. Um conjunto diz respeito às primeiras reações, o início das falas (“primeiras falas”) e outro diz respeito às elaborações e desenvolvimento, depois da conversa iniciada. Nas entrevistas individuais, o primeiro conjunto de falas foi centralizado nas biografias familiares onde não apareciam diretamente as referências aos antepassados. Nas entrevistas individuais consideramos as falas que diziam mais ao segundo conjunto, após passarem pelas referências à telenovela. Neste momento, é possível verificar as referências de memória, a pesquisadora busca fazer o papel do grupo, “costurando” referências de história de vida, memória e referências da telenovela. Considero que, no grupo de discussão, estes dois conjuntos de falas são mais nitidamente distintos e por isso detalharemos os dados referentes ao grupo de discussão.

Exemplos de falas do primeiro conjunto (falas Iniciais)	Falas do segundo conjunto (falas no desenvolvimento da conversa)
<i>Gabriela: “Tenho pouca coisa para contar da novela, apenas aquilo que o pai contava que veio com nove anos e o pai dele foi morto quando estava indo para Porto Alegre levar uma carga. Eles pegavam o burro para receber a carga no porto de Porto Alegre e o peão que estava junto com ele o matou e botou embaixo de uma pedra e levou o dinheiro (30.000 para pagar a carga que vinha da Itália), enterrou o nono e foi para Vacaria...”</i>	Gabriela não se expressou depois que a conversa se desenvolveu.
<i>Dorotéia: “Então eu me pergunto será que na realidade tinha aquela alegria que foi mostrada no navio...”</i>	<i>Dorotéia: “... Eu não tive contato direto com os avós, minha mãe nasceu aqui em Trombudo. Queria saber mais por que meu avô veio para esta região, o resto veio para outra região. Tem um livro que estão escrevendo sobre os Bavaresco ...”</i>
<i>Veronice: “A novela para mim ali no começo me faz lembrar das histórias que a minha mãe contava da mãe da minha avó que morreu no caminho. Parecia que era minha bisavó que estava morrendo. Era só festa, festa e de repente começou a morrer gente. Eu chorei.”</i>	<i>Veronice: “... Antes de completar 18 anos colocaram meu avô na lista dos imigrantes pra ele não ir para a guerra. Um filho morreu na beira do rio Caí...”</i>
<i>Lurdes: “Eu tenho da novela a lembrança do Bartolomeu, ele quando terminou a novela ele disse: “vamos todos plantar uvas e até hoje ninguém plantou”. O brasileiro é preguiçoso, então eu pensei lá onde eu moro ninguém plantou.”</i>	<i>Lurdes: “... Minha avó contava desta guerra lá na Itália. Os alemães não entendiam o italiano, avó contava que os alemães invadiam a Itália para pegar comida...”</i>
<i>Marlene: “Aquela primeira cena das pessoas acenando com os lenços, cada vez que olho esta parte me emociono, porque eu lembro exatamente isto, é que o meu avô contava, meu bisavô contava pra ele, uma despedida triste, quando veio da viagem de ida sem volta.”</i>	<i>Marlene: “A gente sabe que esta história dos imigrantes triste e chocante... É a mesma história que meus avós contavam, também sei dos livros. Só que os avós contavam mais sentiam medo da escuridão, do mato fechado, das feras, do rugido dos animais...”</i>

A partir de observações buscamos construir uma sistemática para ordenar os dados obtidos. Observamos que as falas se organizam em torno de dois referentes principais – a telenovela (que foi usada na pesquisa como estímulo principal para efeito de elicitar as memórias); e a própria vida das informantes (o que inclui referências a histórias de família). Além disso, outras fontes diversas alimentam as lembranças, aumentando a possibilidade de selecionar, como cotejo, as informações recebidas da telenovela com as que as pessoas adquiriram em suas histórias de vida – podendo ocorrer sintonias ou dissonâncias entre esses dois conjuntos de informações. Procuramos organizar os dados em função destas diferenças. Fizemos assim três sistematizações:

1. por referências;
2. por origem em fontes das falas;
3. pelo relacionamento entre telenovela e memórias pessoais/grupais.

Esta sistemática decorre de um trabalho exploratório sobre os dados levantados, em que procuramos construir critérios que dessem conta das variações obtidas. As informações anteriores podem ser visualizadas no quadro-síntese, que segue abaixo:

Os Referentes principais	<ul style="list-style-type: none"> • Falas relacionadas à História de vida • Falas relacionadas à Telenovela
As Fontes	<ul style="list-style-type: none"> • Experiência pessoal • Os avós • Pais/parentes/amigos/comunidade • A novela • Livros • Filmes (nas entrevistas individuais)
Comparação entre Memórias	<ul style="list-style-type: none"> • Acordo • Contraposição • Complementação

Para a análise, as falas foram estruturadas em duas categorias: categoria temática (em torno das histórias contadas, os ângulos) e categoria organizacional (as fontes), como mostra o esquema abaixo:

Fontes \ Categorias Temáticas	História do navio	História das dificuldades (bichos, matos, biografias)	História das guerras
Avós	Aparece só quando passa pela referência à telenovela (ver em novela)	Aparece nas histórias de bichos e matos.	Aparece nas histórias das vivências (quase por acaso), sem relação com a telenovela.
Pais/Parentes/	Raramente aparece.	Aqui aparecem a maioria das falas, principalmente	Esta fala aparece em outro momento, mais

amigos/ comunidade		com as biografias.	como complementação da história de Lurdes, como comparação entre referências de memória.
Novela	Aparece a história que a avó/avô contava quando passa por esta referência de memória. Algumas pessoas manifestam esta fala, não é de todos.	Aparece em relação a alguns personagens, situações, objetos... (Referência direta à novela) e também a aspectos da identidade (novela/identidade).	Não aparece no enredo na novela, o grupo desenvolve outras referências de memória.

Aqui na análise, utilizaremos os exemplos que aparecem nas fontes e foram estruturados em categorias temáticas: as histórias das dificuldades, a história do navio e história de guerras. As falas em torno das dificuldades referem-se à história de bichos e matos, biografias familiares (que constam as genealogias) e histórias que dizem respeito às vivências (das dificuldades que os pais enfrentaram, principalmente em relação à terra). A história do navio tem desdobramentos diferenciados, principalmente em relação à telenovela (a invocação de lembranças infantis verificada especialmente com uma história). Na questão da telenovela também é importante perceber que não há apenas a invocação de uma história que foi contada pela avó. Aparecem outras lembranças e, principalmente, nas referências a rostos, objetos, cheiros, olhares, que só aparecem como lembrança após passarem pela telenovela. Aqui não é uma lembrança infantil, não tem o elemento lúdico como na história contada pelo navio, mas é uma situação de invocação individual que passou por estímulo da telenovela, não tem uma referência nas histórias vivenciais tradicionais. As histórias das guerras contadas pela avó aparecem inicialmente pouco nítidas, o grupo vai complementando estas referências de memória que não foram dadas pela telenovela.

6. CONCLUSÃO

Enfocamos prioritariamente, no entanto, a especificidade da telenovela nestes acionamentos de memória que permitiram relacionar a realidade com a ficção. A pesquisa verificou situações de acionamento de memória que passaram por estímulos que nem sempre poderiam ser percebidos como parte dessa dinâmica conjunta verossímil e inverossímil. As lembranças acionadas por um indivíduo, inicialmente,

pareciam muito bem elaboradas, principalmente aquelas referências de memória familiar. Nas primeiras falas (principalmente no grupo de discussão) não se percebia o aproveitamento de referências da telenovela. No entanto, os depoentes não permaneceram nesse estágio, outras lembranças surgiram após retomarem relações com a telenovela (as falas desenvolvidas). O que parecia ser uma lembrança individual acabou desencadeando outras percepções sobre o mesmo fato. *Para quem participou dessa situação foi um momento de se perceber ressocializando as suas histórias a partir desse trabalho em torno de suas referências de memória e de grupo.* A telenovela na sua função social acrescentou marcas culturais mais evidentes nos processos de crescimento individual e coletivo.

Estiveram presentes nas lembranças alguns referenciais de memória, que foram as histórias contadas pelos avós, antes pouco nítidas e ao alcance apenas da pessoa e, ao passarem pelo estímulo da novela tornaram-se mais nítidas que as memórias de infância ou de experiência. Foram memórias de infância ou experiências vividas, sentidas pelo indivíduo como essencialmente pessoais, pouco socializadas. Essa memória coletiva (diferente de compartilhar no grupo de vivência) contou com referências “soltas” de memória da infância, que ao serem transportadas para o mundo adulto adquiriram sentido identitário (como resultado do remanejamento feito pelo indivíduo com as referências de memória da telenovela). Bergson assinalava a existência de lembranças “inconscientes” que, estando presas na alma, ali permanecem. Bosi fala-nos sobre o estado “latente” dessas lembranças. Parece que este tipo de lembrança latente foi reconhecido mais facilmente num espaço público televisivo, que possibilitou acionar esse tipo de memória de infância com essa característica identitária. É de se admirar como foi possível a telenovela remover materiais tão submersos do indivíduo, que não pensaria ter disponível. Isso nos fez acreditar nas análises de Esteves (1999) sobre a televisão como lugar de reconhecimento social, onde a memória coletiva pode se realizar intersubjetivamente. Essa análise pode ser relacionada à especificidade do gênero ficcional, ativando memórias coletivas, relacionadas às formas de transmissão orais e questões pessoais de identidade em espaço não vivencial. Aqui diz respeito às histórias contadas pelos avós num espaço também televisivo. Halbwachs menciona algumas referências sobre as memórias de infância, no sentido de serem sensíveis e estarem mais soltas do que normalmente se encontram as memórias coletivas. Para

nosso problema, foi essencial a relação que se estabeleceu entre a telenovela e as primeiras formas de contato que as pessoas tiveram com as suas questões de origem.

Destaquei em minha pesquisa esse lugar de onde partiram as referências de memória – as fontes –, tendo em vista a sua importância no processo de remanejamento de leituras. Para entender melhor o funcionamento e a dinâmica entre alguns referenciais de memória foi preciso atentar para a especificidade de algumas fontes, no caso, para as formas de transmissão oral dada pelos avós italianos. As características desta memória coletiva nessa situação estão centradas no perfil da avó ou do avô italianos. Esta percepção de memória coletiva vem da história contada sobre o navio na telenovela. Aqui encontramos aspectos que sensibilizaram para a italianidade. Poderíamos afirmar que algumas lembranças de infância interagiram com a telenovela de uma maneira profunda e sensível. Algumas lembranças de infância, como verificamos aqui, mantiveram intactas certas formas de transmissão oral.

A novela funcionou como lugar de reconhecimento e de localização para que a lembrança fosse acionada. Pode ser que em determinado momento da vida venham à lembrança as histórias que a avó contava, reconstruindo a história do navio como uma história coletiva. Quem trabalhou essa memória coletiva, por outro lado, pode não ter a percepção de quem está contando uma história com referências apenas vivenciais, e sem perceber que ela pode ser emblemática da situação histórico-social do imigrante (ver a diferença da história do navio quando passou pela referência à telenovela e a história das dificuldades). De uma história lúdica passamos para a memória coletiva (biografia maior). *A telenovela foi o lugar de reconhecimento público, que se deu num espaço e tempo simbólicos, ficcionalizados. Não estamos mais apenas no espaço das vivências, este ver-se “como outro”, pela televisão, é de uma natureza intersubjetiva.*

Neste contexto, foi especial a anterior escuta de um avô ou avó. A novela oferece a possibilidade de se contrastarem, frente a frente, referências diversas de memória das origens. Este foi um processo identitário curioso onde a telenovela resgatou um avô ou avó italiana, uma história contada, e daí estimulou uma possível biografia étnica, que foi diferente de uma biografia apenas por referências vivenciais, como nas histórias das dificuldades. Ao mesmo tempo a avó reaparece, a história do navio e o sentimento

étnico. O curioso foi que para algumas pessoas, o estado latente e sensível, das questões de origens só ganhou “força” de realidade quando se deparou com o olhar da telenovela. Esta latência ou memória sensível recolocou-se como percepção de identidade italiana, para as questões de origem. Este foi um tipo de remanejamento de memória propiciado pela telenovela com características que colocaram o indivíduo para além dele mesmo, através do olhar do outro, quando se reconheceu como igual. O que vem à tona é o suficiente para a lembrança incidir sobre questões de origens não pensadas nessa trajetória de reflexões. *Este momento foi decisivo para o indivíduo perceber-se como parte da história de imigrantes italianos. No olhar deste outro televisivo: ver-se como parte do grupo étnico.*

A lembrança da história do navio apresentou características do mito de origem, da memória coletiva. A história do navio apareceu em função da existência de uma história contada por uma avó ou avô como parte de uma identidade do imigrante italiano. *Isto foi curioso enquanto possibilidade de reação individual e coletiva: o país está me vendo, eu estou no foco de algo fora de mim*, rebatendo-se uma série de possibilidades de reações diante do EU exposto. Uma dessas reações foi a percepção da identidade étnica como experiência com a telenovela: *nela eu me reconheço como parte de uma memória coletiva*. Importante destacar que algumas pessoas não se percebiam como imigrantes e buscaram recompor a sua italianidade com referências mais atuais e de grupo, como fazer parte de um coral de italianos. De alguma forma um dia as questões de origem foram introduzidas e “adotadas” como parte de um sentido de vida para algumas pessoas do coral, não a partir de suas referências pessoais anteriores, mas de suas próprias vivências no grupo. A telenovela, ao “destacar” o italiano, permite “ver de fora” as relações entre o migrante e o brasileiro (o “outro” do migrante). Essa relação, subjetiva – vivida como experiência pessoal e familiar (nós-e-os-outros), enquanto memória coletiva de grupo comunitário – torna-se, pela novela, objetivada perpassando ficção e realidade. Essa objetivação acontece em vários níveis:

- trata-se de um produto midiático, uma novela, o que envolve o “fazer ficção” sobre um assunto, transformando-o em objeto.
- esse assunto, esse tema, torna-se disponível a todos, migrantes, descendentes, brasileiros – objetiva-se diante de todos.

- e finalmente, mas não em grau menor, a própria telenovela e suas “falas” sobre o migrante tornam-se tema de pesquisa e investigação, de entrevistas com a pesquisadora, o que confirma e reitera a objetivação da relação “nós- o outro” (nós – a situação vivida, nós – o mundo).

É preciso reconhecer, que ao lado da telenovela, o próprio processo de pesquisa, ao construir a situação de grupo de discussão, interfere na formação (ou reformulação) das memórias coletivas. Entretanto, não se deve confundir o que vem da telenovela e o que vem das discussões. Este último processo apenas ajudou o grupo a ordenar e expressar uma relação que se construía na interação de suas memórias pessoais e comunitárias com uma “memória” coletiva ampla construída em forma de ficção. Sem a pesquisa, esse remanejamento permaneceria talvez menos “objetivado”, menos ordenado ou refletido. Acreditamos que a observação demonstra que já estava lá.

Esse é um processo incompleto, inacabado no indivíduo e na sociedade. Foi dado pelo olhar da telenovela, que fez acender algumas centelhas de fragmentos identitários que não se encontravam em um espaço fixo das vivências. Estavam em lugares bem mais longínquos da sociedade e profundos para o indivíduo – não seria fácil encontrá-los... Por saber dessa dificuldade não se pensaria que a partir de uma telenovela as pessoas poderiam repensar seus processos identitários. Pode-se pensar também que foi um começo difícil, mas com certeza um bom começo.

Para mim, é o começo de uma vida como pesquisadora.

“... Por que eu aqui é eu, a televisão eu os quadradinhos da parede... Deus e os netos, aí, então, fico lembrando...” (Georgina)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYARDO, Rubens; LACARRIEU, Monica. *La dinámica global/local cultura y comunicación: nuevos desafíos*. Argentina. Ediciones Ciccus, 1999.

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às Mediações – Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. *Processos de comunicação e matrizes da cultura*. México: Edições G. Gilly S.A, 1988.

BARKER, Chris. *Television, globalization and cultural identities*. USA, 1999.

BATISTEL, Arlindo I.; COSTA, Rovílio. *Duas itálias*. Porto Alegre: Edições EST, 2000.

BONI, Luis A. De; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Vozes Ltda, 1982.

BORELI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: EDUC, 1996.

_____. *Sons, imagens, sensações: radionovelas e telenovelas no Brasil*. Intercom – Rev.Bras. de Com. São Paulo, Vol. XIX, nº 1, jan/jun, 1996. p. 33-57

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3.ed. São paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRAGA, José Luiz. *Interatividade e recepção*. Artigo publicado no GT Mídia e Recepção no Encontro Nacional da COMPÓS, Porto Alegre, 2000, p.05.

_____. *Constituição do campo da Comunicação*. Artigo utilizado na abertura para debate da X COMPÓS, Porto Alegre, 2000.

BROWN, J; KNODEL, J; SITTITRAE, W. Focus groups discursions of for social science. Research: A practical guide with an anphasis on the topic of ageng. *Research report*. Set. 1990.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores y Ciudadanos – Conflictos Multiculturales de la globalización*. Argentina: Editorial Grijalbo S.A. de C.V., 1995.

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo. Studio Nobel: Instituto Cultural Italo-Brasileiro – Istituto italiano di Cultura, 1996.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Ana Maria M.; MELMAN, Charles et al. *Imigração e fundações*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000, p. 133 –144.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Folkcomunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

- COSTA, Rovílio et al. *As colônias italianas Dona Isabel e Conde D'Eu*. Porto Alegre: Editora EST, 1999.
- ECO, Humberto. *Viagem à Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ESTEVES, João Pissarra. *Media, Políticas de Identidades e Estratégias de Reconhecimento*. São Paulo, 1999.
- FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FILHO, Marcondes. *Quem manipula quem?* Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1986.
- GASPERIN, Alice. *Ricordi de la colônia/Lembranças da colônia*. Porto Alegre: Edições EST, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *La Memoire Colletctive*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. Tradução: Eduardo Loureiro Jr., março de 2000. <http://www.pátio.com.br/labirinto>
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- JACKS, Nilda. *Mídia nativa. Indústria cultural e cultura regional*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.
- _____. *Cultura Regional como mediação simbólica um estudo de recepção*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.
- LE GOFF, Jacques. *Memória, História*. Imp. Oficial. Portugal: Casa da Moeda, 1984
- LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. Editora Vozes Ltda, 1986.
- LULL, James. *La estructuración de lãs audiências masivas*. In: Dialogos, n.32. Lima, 1992.
- MELO, José Marques de. *As telenovelas da Globo: produção e exportação*. São Paulo. Summus editorial, 1988.
- MONTES, Maria Lúcia. *Raça e Identidade entre o espelho, a invenção e a ideologia*. Raça e Diversidade. São Paulo: EDUSP, 1996. 47.
- ORTIZ, Renato, BORELI, Silvia Helena Simões, ORTIZ, José Mário. *Telenovela: História e Produção*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-Fenart, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade Grupos Étnicos e suas Fronteiras*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- RONSINI, Veneza Mayora. *Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos*. Tese de doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- SANTOS, João Anibal Göttens dos. *Televisão: cultura local e cultura global*. Etnografia da audiência entre descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, 1995.
- SEYFERTH, Giralda. *Identidade Camponesa e Identidade Étnica*. Rio de Janeiro: 1993.
- SODRÉ, Muniz. *A Comunicação do grotesco – um ensaio sobre cultura de massa no Brasil*. Editora Vozes Ltda, 1972.
- SKIDMORE, Thomas. *Raça e Nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro, 1976.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUFTE, Thomas. *Como as novelas servem para articular Culturas Híbridas no Brasil Contemporâneo*. Intercom – Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo.

WOLF, Mauro. *Géneros y televisión: Anàlisi*. Nº 9. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1984.